



Doi: 10.4025/7cih.pphuem.1182

“Narrativas pedagógicas para a formação do príncipe na obra de Ramon Llull”

Fabiana de Oliveira

Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG)

Resumo: A presente reflexão tem como objetivo discutir os princípios pedagógicos para a formação política do príncipe, enquanto “bom governante”, presentes em duas obras de Ramon Llull (1274-1276) que são as seguintes: “A Árvore Imperial” e “Doutrina para Crianças” que datam do século XIII. A metodologia utilizada se caracteriza como qualitativa e histórica por meio do estudo das obras de Ramon Llull citadas anteriormente, sendo que a análise do material foi realizada por meio da técnica de análise de conteúdo. As obras analisadas se caracterizam como fontes de formação religiosa e política. Podemos fazer referência destas obras aos “manuais de civildade” ou “espelhos de príncipe” enquanto narrativas medievais por meio das quais se difundia “modos” e “hábitos”, ou seja, formas de ser e estar no mundo Ibérico Medieval considerando os aspectos culturais, religiosos e políticos. A formação educacional da criança se projetava na imagem do homem enquanto um ser completo em detrimento à criança que não tinha importância nesse período histórico, por isso a preocupação com a educação da criança estava no seu “vir-a-ser”. O que se visava era a humanidade futura dessa criança, ou seja, sua maturidade presente na “forma-homem”, por isso sua educação tinha como meta principal aproximá-la dos bons ensinamentos, entenda-se, “bons ensinamentos” sendo os cristãos, para que este sujeito desde cedo pudesse aprender a amar e temer Deus visando alcançar o Paraíso e a salvação de sua alma, por isso, o “bom príncipe”, de acordo com Llull, “deve ser a imagem de Deus na terra”.

Palavras-chave: Educação; Península Ibérica; Ramon Llull

- Introdução/justificativa

O trabalho aqui apresentado tem como objetivo discutir os princípios pedagógicos para a formação política do príncipe, enquanto “bom governante”, presentes em duas obras de Ramon Llull que são as seguintes: “A Árvore Imperial” e

“Doutrina para Crianças” que datam do século XIII e que compõem um conjunto de textos característicos da literatura medieval.

Podemos fazer referência destas obras aos “manuais de civilidade” ou “espelhos de príncipe” enquanto narrativas medievais por meio das quais se difundia “modos” e “hábitos”, ou seja, formas de ser e estar no mundo Ibérico Medieval considerando os aspectos culturais, religiosos e políticos.

Esses manuais contribuem para a formação e educação dos homens desse período histórico, especificamente das classes abastadas na formação dos dirigentes e, no caso específico, trataremos da formação do príncipe. Para tanto, é preciso apresentar um panorama das características do que se denominou por Idade Média.

De acordo com Baruque (2003) existia um certo desprezo pela Idade Média considerada um período retrógrado e obscuro em contraposição ao que se denominou Século das Luzes também conhecido como Ilustração a partir da Revolução Francesa. Uma consideração bastante ferrenha em relação a esse período pode ser encontrada em Voltaire quando o mesmo afirma que

“(...) cuando el Imperio romano fue destruido por lós bárbaros, se formaron muchas lenguas com lós despojos Del latín, como se elevaron muchos reinos sobre lãs ruínas de Roma. Los conquistadores llevaron por todo el Occidente su ignorância y su barbárie. Todas lãs artes perecieron: hasta ochocientos años después no comezaron a renacer. Lo que desgraciadamente nos resta de la arquitectura y la escultura de aquellos tiempos, es um grotesco conjunto de groseías y de baratijas. Lo poço que escribían era Del mismo mal gusto. Los monjes conservaron la lengua latina para corromperla (...)” (BARUQUE, 2003, p.314).

A Idade Média e a sociedade feudal foram construídas a partir do século das Luzes com uma imagem de atraso e não desenvolvimento das artes, da cultura, da política, da economia. No entanto, sabemos que esse período passou por muitas transformações como pontua Tanaka e Oliveira (2002),

“ao mesmo tempo em que o feudalismo se consolidava, ressurgia o desenvolvimento das cidades e do comércio. A economia crescente, aliada à paz feudal estava

exercendo um papel fundamental a forma dos homens enxergarem a relação Deus/Homem e na maneira de se pensar a própria existência” (2002, p.125).

Segundo Souza (2011) no feudalismo partia-se do princípio que o conhecimento e a divisão do trabalho eram desígnios de Deus, “era o primado da Fé da Razão, sustentado pela concepção geocêntrica de universo e justificado pelas verdades bíblicas, que colocam Deus na origem de todas as coisas e o homem, seu semelhante, no centro do universo” (p.07).

É nesse contexto que nasce Ramon Llull, filósofo catalão da região de Maiorca. Essa região era habitada por cristãos, muçulmanos e judeus. De acordo com Zierer e Messias (2013), o pai de Llull participou da conquista de territórios em Maiorca e que por meio desses serviços recebeu terras do rei Jaime I levando à ascensão social da família, o que possibilitou que Llull tivesse uma educação voltada para as armas, para a formação do guerreiro, tornando-se um cavaleiro.

De acordo com sua autobiografia denominada Vida Coetânea, a partir de uma visão divina que foi considerada por ele como um chamado de Deus, deixando esse ofício e passou a dedicar sua vida à conversão dos infiéis. Publicou várias obras e escolhemos duas específicas para realizarmos a presente reflexão e que possuem uma forte conotação educativa considerando princípios à formação da criança e na sua vida futura enquanto um “bom governante”, o príncipe que faz o bem e teme a Deus. A sociedade nesse período era formada por três classes: os servos, o clero e a nobreza. Era dessa última classe que se formavam os dirigentes.

- Resultados

Nessa reflexão nos deteremos em duas obras de Ramon Llull denominadas “A Árvore Imperial” e “Doutrina para Crianças” que datam do século XIII e que compõem um conjunto de textos característicos da literatura medieval.

Esse conjunto de textos pode ser denominado de “espelhos de príncipes” que de acordo com Matos (2011) constituem uma forte pedagogia normativa e prescritiva voltados à formação moral e religiosa da nobreza e especificamente dos príncipes.

Podemos acrescentar também que esse gênero da literatura também possuía orientação política direcionada aos príncipes e aos primogênitos dos reis segundo Hahn (2006).

De acordo com Hahn (2006, p.152) “essa natureza literária era típica dos últimos séculos do período medieval até o início da época moderna, adentrando com algumas características até o século XVIII”.

Optamos pela articulação das duas obras de Llull citadas anteriormente, pois a formação do príncipe contida na obra “A Árvore Imperial” não pode ser realizada sem antes considerar a formação da criança presente na obra “Doutrina para crianças”. A primeira obra trata das ações de um adulto que necessariamente deve ser formado quando ainda criança e dessa criança é que trata a segunda obra.

A Doutrina para crianças foi escrita entre 1274 e 1276 e possui onze capítulos que são os seguintes: Dos treze artigos; Dos dez mandamentos; Dos sete sacramentos da Santa Igreja; Dos sete dons que o Espírito Santo dá; Das oito bem-aventuranças; Dos sete Gozos de Nossa Senhora; Das sete virtudes que são os caminhos da salvação; Dos sete pecados mortais pelos quais o homem vai à danação perdurável; Das três leis; Das sete artes; De matérias diversas.

Todos os capítulos estão voltados para os ensinamentos cristãos afirmando a necessidade dos pais apresentarem esses conhecimentos aos seus filhos desde cedo. Esses conhecimentos passariam pelas coisas que são gerais no mundo chegando até as especiais e também é conveniente que se ensine a construção gramatical para o latim. É importante iniciar esse aprendizado desde cedo para que “a criança se acostume a amar e temer a Deus, conforme os bons ensinamentos” (LLULL, 1274, p.05).

Llull recomendava nessa obra que os ensinamentos às crianças deveriam levá-las a aprender “os 14 artigos da Santa fé católica, os 10 mandamentos que Nosso Senhor Deus deu a Moisés no deserto, os 7 sacramentos da igreja e os outros capítulos seguintes” (LLULL, 1274, p.05).

Esses “outros capítulos seguintes” tratam também dos ensinamentos relacionados às ciências das Sete Artes que compõem um quadro amplo de conhecimentos apresentados da seguinte forma: Da gramática, Lógica e Retórica; Da geometria, Aritmética, Música e Astronomia; Da Ciência da Teologia; Da Ciência do Direito; Da Ciência da Natureza; Da Ciência da Medicina; Das Artes Mecânicas.

Trataremos especificamente da primeira arte “Gramática, Lógica e Retórica”. A Gramática era vista por Llull como a arte mais importante, pois mesmo que o sujeito não desejasse conhecer outra arte ou ciência, deveria necessariamente passar pela arte da Gramática considerada “o portal pelo qual se passa para saber as outras ciências” (LLULL, 1274, p.58). Nessa arte o sujeito deverá aprender a construção, a declinação e os vocábulos, após isso deverá ser passado para o latim que poderá ser aprendido por meio de romances com as rimas.

A Lógica é considerada o meio pelo qual se pode chegar às coisas verdadeiras ou falsas, mas que também contribui para a exaltação do entendimento humano ascendendo das coisas gerais para as especiais por meio de 5 universais descritos por Llull como os gêneros, as espécies, as diferenças, as propriedades e os acidentes.

A Lógica também contribuirá para o ‘bem falar’ por meio do qual o sujeito terá condições de iniciar um assunto, defendê-lo e concluí-lo, mas também deverá ter cuidado para que não seja enganado com as palavras sofisticadas. A Lógica possibilitará a aprendizagem da Retórica, pois essa visa falar “bem e ordenadamente” levando a quem fala dar bons exemplos de coisas belas e que o maior objetivo seja atingir o coração dos que o ouvirão e que sejam “agradáveis às gentes e a Deus” (LLULL, 1295, p.59).

Detivemo-nos nessa Arte específica, pois ela está diretamente relacionada às atividades do Príncipe de que trata a obra “A Árvore Imperial”, pois “o bom governante” deve saber educar o seu povo e dizer palavras que o leve a também crer e amar a Deus, pois

“o príncipe, na medida em que queira ser justo, casto, humilde e queira ter as outras virtudes, eduque seu povo para amar coisa amáveis em si mesmas, e com

essa educação também eduque seu povo para amar coisas amáveis em si, e que ambas educações, o amor eduque o desamor para desamar as coisas desamáveis, que são a injúria, o orgulho, a luxúria e todos os outros vícios” (LLULL, 1295, p.12).

A “Árvore Imperial” que data de 1295, essa é dividida em sete seções assim denominadas: das raízes, do tronco, dos braços, dos ramos, das folhas, das flores e dos frutos. Esse livro foi uma solicitação de um monge que pediu à Llull que escrevesse um livro geral para todas as ciências, mas que o mesmo fosse de fácil entendimento, pois esse pode levar a devoção à Deus, ao contrário, dos livros que geram confusão de entendimento que impedem essa devoção.

Nessa obra o “o bom príncipe” é apresentado como o “tronco” dessa árvore, como um tronco comum interligado a outros troncos. Esse tronco central deve ser a imagem de Deus na terra, é aquele que deve reger muitas bondades que estão ligadas a princípios gerais e não particulares, por isso sua bondade é livre e está ancorada em sete ramos: justiça, amor, temor, sabedoria, poder, honra e liberdade. Somente a partir desses ramos é que o “bom príncipe” poderá ter boas flores e bons frutos.

O “bom príncipe” é o Juiz Geral que deve exercer seu poder com liberdade, mas essa liberdade deve estar ancorada nos princípios divinos no caminho que o leva a fazer o bem desviar-se do mal, no entanto, o homem tem a liberdade para fazer o mal em razão da sua natureza originada do pecado.

Nesse livro encontramos a imagem do príncipe como a imagem de Deus na terra, por isso, na obra há a dicotomização das figuras do bom e do mau governante. Para ser um “bom governante”, esse príncipe deve ser formado nos preceitos cristãos desde a mais tenra idade como apresentamos nas prescrições presentes em Doutrina para crianças.

- Considerações Finais

As obras analisadas se caracterizam como fontes de formação religiosa e política por meio da aprendizagem dos ensinamentos cristãos, mas também das

artes liberais considerando que a aprendizagem dessas deverá estar a serviço de Deus. A formação educacional da criança se projetava na imagem do homem enquanto um ser completo em detrimento à criança que não tinha importância “em si mesma” nesse período histórico, por isso a preocupação com a educação da criança estava no seu “vir-a-ser”.

Não estamos dizendo que a criança era desconsiderada, pois havia uma preocupação com a sua formação, mas essa preocupação estava associada à criação de uma sociedade que servisse a Deus. Nesse sentido, a preocupação principal era com o projeto da salvação e não com a criança.

O que se visava era a humanidade futura dessa criança, ou seja, sua maturidade presente na “forma-homem”, por isso sua educação tinha como meta principal aproximá-la dos bons ensinamentos, entenda-se, “bons ensinamentos” sendo os cristãos, para que este sujeito desde cedo pudesse aprender a amar e temer Deus, por isso, o “bom príncipe”, de acordo com Llull, deve ser a representação de Deus na terra levando suas gentes para o caminho da bondade e das virtudes visando alcançar o Paraíso e a salvação da alma.

- Referências

Fontes utilizadas:

LLULL, Ramon. **Doutrina para Crianças (1274-1276)**. Trad. Prof. Dr. Ricardo da Costa. Barcelona: Editorial Barcino. 1957.

_____. **A Árvore Imperial (1295)**. Trad. Prof. Dr. Ricardo da Costa. Barcelona: Editorial Selecta. 1957.

Bibliografia utilizada:

BARUQUE, Julio Valderón. La valoración histórica de la edad media: entre El mito y la realidad. In: **XIII Semana de Estudios Medievales – Memoria, mito y realidad en la historia medieval**. Nájera, 29 de Julio al 2 de agosto de 2002. P. 311-329.

HAHN, Fábio André. Reflexos da perfeição: alguns elementos do gênero espelhos de príncipe na idade moderna. In: **Varia Scientia**. v.06, n.12. p.151-157. 2006.

MATOS, Elanny Suely Brabo de. **A educação do príncipe nas empresas políticas de Diego Fajardo**. Dissertação de Mestrado (UFRRJ). 2011.

SOUZA, Ana Aparecida Arguelho. Literatura e História na Educação Medieval. In: **Mirabilia 13**. p.05-25. Jun-Dez 2011.

TANAKA, Juliana & OLIVEIRA, Terezinha. Pedro Abelardo e as mudanças no pensamento do século XII. In: **Acta Scientiarum**. v.24, n.1, p.125-132. 2002.

ZIERER, Adriana & MESSIAS, Bianca Trindade. O mundo da cavalaria do século XIII na concepção de Ramon Llull. In: **Revista Eletrônica sobre Antiguidade e Medievalo**. v.2, n. 2, p.128-154. 2013.